

TEMPO FECHADO

TINTA
VERMELHA [✊]

Alessandra Korap Munduruku

Ariel Salleh

Eduardo Sá Barreto

Guilherme Moura Fagundes

Jean Carlos Hochsprung Miguel

João Telésforo

Maikel da Silveira

Michael Löwy

Natan Oliveira

Sabrina Fernandes

TEMPO FECHADO

Capitalismo e colapso ecológico

Laura Luedy (org.)

TINTA
VERMELHA []



© Boitempo, 2025

Direção-geral Ivana Jinkings

Edição Pedro Davoglio

Coordenação editorial Thais Rimkus

Coordenação de produção Juliana Brandt

Assistência editorial Marcela Sayuri

Assistência de produção Livia Viganó

Preparação Paulo Henrique Pompermaier

Revisão Carolina Hidalgo Castelani

Capa Maikon Nery

Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio Ana Beatriz Leal, Ana Slade, Artur Renzo, Bruno Ferreira, Carolina Peters, Davi Oliveira, Elaine Ramos, Giovanna Corossari, Higor Alves, Ivam Oliveira, Letícia Akutsu, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Mateus Rodrigues, Maurício Barbosa, Raí Alves, Renata Carnajal, Sofia Perseu, Tatiane Carvalho, Thais Caramico, Tulio Candiottto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T28

Tempo fechado : colapso ecológico e capitalismo / Alessandra Korap
Munduruku ... [et al.] ; [coordenação Laura Luedy]. - 1. ed. - São Paulo :
Boitempo, 2025.
(Tinta vermelha)

ISBN 978-65-5717-441-8

1. Economia marxista. 2. Comunismo e ecologia.
3. Ecosocialismo. 4. Movimentos sociais. I. Munduruku,
Alessandra Korap. II. Luedy, Laura. III. Série.

25-96636

CDD: 335.412
CDU: 330.85:574



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Esta edição contou com o apoio da
Fundação Lauro Campos e Marielle Franco.



1ª edição: maio de 2025

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 | 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | boitempoeditorial.com.br

blogdaboitempo.com.br | youtube.com/tvboitempo

Sumário

Apresentação	7
<i>Laura Luedy</i>	
Projeto de vida, não projeto de morte	13
<i>Alessandra Korap Munduruku</i>	
A alternativa ecossocialista	21
<i>Michael Löwy</i>	
Refazendo mundo: com um Novo Acordo Pluriversal	31
<i>Ariel Salleh</i>	
Soberania alimentar e estratégia internacionalista.....	43
<i>Sabrina Fernandes</i>	
Não é volta ao passado, é disputa pelo futuro: Mestre Joelson Ferreira, a Teia dos Povos e a atualidade da luta por terra e território no Brasil.....	53
<i>Maikel da Silveira</i>	
Plantations da preservação.....	63
<i>Guilherme Moura Fagundes</i>	
Confissões do capitalismo “verde”: lucrando com a tragédia climática e com placebos ESG.....	75
<i>João Telésforo</i>	
Além do negacionismo: análise de crises e lutas no vértice das mudanças climáticas	87
<i>Jean Carlos Hochsprung Miguel</i>	
Terra de ninguém: entre o urgente e o prefigurado.....	99
<i>Eduardo Sá Barreto</i>	
Marx e as ciências da natureza	111
<i>Natan Oliveira</i>	
Sobre os autores.....	123

Além do negacionismo: análise de crises e lutas no vértice das mudanças climáticas

Jean Carlos Hochsprung Miguel

As disputas políticas sobre as mudanças climáticas frequentemente resuscitam contestações às teses científicas sobre esse fenômeno. De um lado, há o grupo minoritário de cientistas e autoridades públicas que negam a existência do aquecimento atmosférico antropogênico – os chamados “céticos do clima” ou “negacionistas climáticos”. De outro, há o grupo majoritário que defende firmemente a realidade das mudanças climáticas, baseado num amplo consenso científico, que constata o aquecimento global causado pela atividade humana desde a Revolução Industrial.

Para os últimos, as mudanças climáticas estão ligadas à degradação do meio ambiente e da biodiversidade, bem como a riscos existenciais enfrentados pelas comunidades humanas e seus diferentes modos de vida, ao futuro das próximas gerações, à luta contra as desigualdades e à promessa de uma economia capaz de equacionar os limites ecológicos e a reprodução da vida humana sob condições sociais mais dignas. Para os primeiros, a discussão deriva de uma interligação entre ideologia de esquerda, ambientalismo e interesses escusos que penetraram a ciência e ameaçam tanto a soberania

nacional quanto as liberdades individuais¹. Percebe-se, assim, que as mudanças climáticas são o vértice de uma ampla gama de questões e disputas que extrapolam o âmbito da ciência².

A opinião pública, no entanto, costuma enquadrar o negacionismo climático apenas como um debate que ignora a ciência em nome de ideologias ou percepções particulares. Tanto membros da comunidade científica quanto jornalistas tendem a abordá-lo como mera postura “anticiência”, reduzindo a questão a uma dicotomia entre fatos e valores, realidade e ficção, verdade e alienação. No contexto brasileiro, a ascensão do negacionismo durante o governo Bolsonaro intensificou a defesa da ciência como uma resposta desesperada à crise ambiental, sem abordar as raízes mais profundas do problema.

Ao discutir a interconexão das crises atuais, a filósofa Nancy Fraser alerta que não está em questão “simplesmente uma crise ecológica em que um planeta cada vez mais quente expele pragas letais, tampouco somente uma crise política”³. Ela sugere que, para analisar o presente cenário, devemos dar atenção às “articulações constitutivas do sistema”, entendidas como pontos de intersecção ou de acumulação de crises e riscos. Inspirado nessa formulação, considero produtivo pensar o negacionismo para além da negação da ciência, como uma forma organizada de invisibilizar a articulação entre os variados aspectos de um sistema em crise. As mudanças climáticas são o vértice de múltiplas crises, que, embora se manifestem em variadas dimensões da vida humana, respondem à mesma lógica com que o capitalismo neoliberal, enquanto política, forma de pensamento e modo de organização da produção material, direciona seus processos.

Ao aprofundarmos a investigação a respeito do negacionismo climático, sugiro que podemos visualizar claramente os nexos entre essas múltiplas crises e, em particular, sua relação com a “crise epistêmica”, que tem sido discutida em termos de pós-verdade, desinformação e negacionismo.

¹ Jean Carlos Hochsprung Miguel, “A ‘meada’ do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil”, *Revista Sociedade & Estado*, Brasília, v. 37, n. 1, jan.-abr. 2022, p. 293-315.

² Mike Hulme, *Why We Disagree About Climate Change: Understanding Controversy, Inaction and Opportunity* (Cambridge, Cambridge University Press, 2009).

³ Nancy Fraser, *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso* (trad. Aline Scátola, São Paulo, Autonomia Literária, 2024), p. 16.

O negacionismo científico sob uma perspectiva crítica

Antes de adentrarmos propriamente o tema, será preciso discutir os termos associados à ideia de “negacionismo científico” ou “anticiência”, frequentemente utilizados nos debates públicos. Alguns deles têm sido objeto de intensa discussão acadêmica, tais como: “pós-verdade”, “desinformação” e “*fake news*” (notícias falsas). Apesar de se referirem a um fenômeno comum, a saber, o ataque às instituições tradicionalmente reconhecidas por fazer proposições com base em evidências, como as instituições científicas e de comunicação, esses termos representam preocupações e pontos de vistas distintos sobre o fenômeno.

As *fake news* estão relacionadas à condição de pós-verdade, mas dela diferem por envolverem a disseminação de declarações errôneas em contextos históricos diversos. O analista político Frank Fischer⁴ afirma com razão que desde a invenção da imprensa há *fake news*: a apresentação de narrativas pretensamente factuais com a intenção deliberada de enganar o receptor para fins políticos ou ganhos financeiros. No contexto contemporâneo, seu aumento, sobretudo nas plataformas digitais, lançou as bases para o que se tem chamado de política de pós-verdade⁵, que se distingue por direcionar as *fake news* aos fatos científicos a fim de promover uma forma de desinformação a respeito do consenso epistêmico estabelecido pela comunidade científica.

Segundo o filósofo Ignas Kalpokas⁶, a pós-verdade, as *fake news* e a desinformação simplificam uma realidade caótica marcada por crises, fornecendo, em um mundo saturado de informações superficiais, conforto e significado com impacto emocional. A pós-verdade está profundamente enraizada em dinâmicas sociais de afiliação e competição, nas quais os grupos não apenas compartilham, mas também produzem conteúdo para fortalecer sua identidade coletiva. Apesar da aparente falta de regras claras nos ambientes digitais em que são produzidos tais conteúdos há um conjunto de normas que moldam as interações e fazem convergir os “pedaços de informação” (como os memes) em uma narrativa coerente para os grupos envolvidos. Nesse fenômeno, para além de uma disputa pela verdade, estão em jogo formas de socialização e construção de pertencimento.

⁴ Frank Fischer, *Truth and Post-Truth in Public Policy: Interpreting the Arguments* (Cambridge, Cambridge Press, 2021).

⁵ Pós-verdade é um adjetivo definido como “relacionado a ou que denota circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford Languages, “The Word of the Year 2016”, disponível on-line).

⁶ Ignas Kalpokas, *A Political Theory of Post-Truth* (Londres, Palgrave Macmillan, 2018).

Em sentido próximo, Sheila Jasanoff e Hilton Simmet⁷ sugerem que o termo pós-verdade é “a-histórico”, pois ignora que os fatos científicos nunca determinaram os processos políticos. Debates sobre fatos públicos sempre englobaram disputas por significados sociais enraizadas em realidades subjetivamente vivenciadas com suas próprias noções de verdade. Para tratar da pós-verdade, portanto, é preciso levar em conta o contexto histórico e político que produz as disputas em torno da verdade.

Quando nos dirigimos a estudos de caso concretos, como os referentes às mudanças climáticas, verificamos que discursos e práticas negacionistas têm sido, nas últimas décadas, produzidos e disseminados por grupos políticos e corporações (como as indústrias do tabaco e do petróleo) para negar deliberadamente fatos ou informações que contrariam interesses privados⁸. Mais recentemente, a negação da eficácia de imunizantes na pandemia de covid-19 revelou que não apenas interesses corporativos podem estar em jogo, mas todo um conjunto de concepções a respeito da saúde, da liberdade individual na escolha de medicamentos, da liberdade de profissionais (por exemplo, da medicina) para prescrever tratamentos e da liberdade de expressão sobre a descrença na efetividade das vacinas⁹. Como parte de um projeto político-ideológico concreto e direcionado para alvos específicos, o negacionismo científico integra um conjunto de discursos e práticas de produção planejada da ignorância. São ilustrativos os casos das mudanças climáticas e das vacinas, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, pois neles a ciência não se tornou alvo do negacionismo de maneira indiscriminada, mas especificamente quando esteve em interface com a política de Estado; quando os governos eleitos e os grupos de interesses a eles associados passaram a levantar a bandeira anti-ciência. Conteúdos, direcionamentos e formas adotadas por iniciativas negacionistas dizem muito, portanto, sobre certos governos.

Uma perspectiva crítica do negacionismo precisa encontrar maneiras de captá-lo e compreendê-lo para além de seu efeito de desinformação. Não basta, para isso, investigar como o consenso científico é rejeitado. É necessário também acessar como a ignorância é produzida como base para determinadas formas

⁷ Sheila Jasanoff e Hilton Simmet, “No Funeral Bells: Public Reason in a ‘Post-Truth’ Age”, *Social Studies of Science*, v. 47, n. 5, out. 2017, p. 751-70.

⁸ Naomi Oreskes e Erik Conway, *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues From Tobacco Smoke to Global Warming* (Nova York, Bloomsberry Press, 2010).

⁹ Miriam Pillar Grossi e Rodrigo Toniol (orgs.), *Cientistas sociais e o coronavírus* (Florianópolis, Editora Tribo da Ilha, 2020).

de governo¹⁰. Uma série de investigações têm ido nessa direção e explorado formas de sigilo, supressão e distorção de informações científicas a respeito de questões socioambientais prementes, incluindo aquelas relacionadas à pandemia de covid-19 e à emergência climática¹¹.

Em estudos anteriores, propus pensar o negacionismo científico como um complexo de mecanismos de produção da ignorância¹². Sugerir que o conceito foucaultiano de “dispositivo” permite abordar práticas e discursos heterogêneos que se correlacionam em um tipo de “jogo”, com mudanças de posição e modificações de funções e que dão origem a ações estratégicas¹³. Com isso, enxergamos que a produção da ignorância não tem a forma de uma linha de transmissão: sua imagem adequada é antes a de múltiplas linhas que se entrelaçam, adquirindo sentido quando amalgamadas na direção de um alvo. Assim, podemos interpretar o negacionismo climático como um fenômeno complexo e descentralizado, que transcende as figuras negacionistas específicas e o âmbito da luta ambiental.

Bolsonarismo e negacionismo climático

A ascensão do bolsonarismo como fenômeno político multifacetado tem sido objeto de análise em diversos campos, abrangendo desde a radicalização de grupos políticos até a formação de comunidades morais. Nesse contexto, destacam-se o negacionismo e a produção da ignorância como estratégias-chave, levadas a cabo a partir de um complexo jogo de práticas e discursos que estruturam a ação dos grupos bolsonaristas, tanto nas multiplataformas digitais quanto nos espaços formais de poder. Esse jogo se faz em redes difusas que transcendem fronteiras e localizações precisas, e que formam a base de uma política negacionista fundamentada em práticas autoritárias de desestabilização das instituições democráticas e das lutas sociais¹⁴.

¹⁰ Robert Proctor e Londa Schiebinger (orgs.), *Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance* (Califórnia, Stanford University Press, 2008).

¹¹ Raoni Rajão et al., “O risco das falsas controvérsias científicas para as políticas ambientais brasileiras”, *Sociedade & Estado*, Brasília, v. 37, n. 1, 2022, p. 317-52.

¹² Jean Carlos Hochsprung Miguel, Pós-verdade ou produção da ignorância?, *Boletim CTS em Foco*, v. 1, out. 2021, p. 54-59.

¹³ Idem, “A meada do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil”, cit.

¹⁴ Sérgio Abranches, “Polarização radicalizada e ruptura eleitoral”, em *Democracia em Risco?: 22 ensaios do Brasil de hoje* (São Paulo, Companhia das Letras, 2019), p. 5-18; Angela Alonso,

A produção da ignorância no âmbito bolsonarista se manifesta em diversas frentes, desde a negação da história da ditadura militar de 1964 e das causas das desigualdades sociais, até a contestação das mudanças climáticas e da pandemia do coronavírus. Trata-se de alvos intimamente relacionados a crises e lutas constantemente negadas, invisibilizadas e materialmente obliteradas pela extrema direita brasileira.

Desde o início da presidência de Bolsonaro, o discurso e as práticas de negacionismo climático foram incorporados à política oficial do governo no Ministério do Meio Ambiente e no das Relações Exteriores¹⁵. No entanto, a história do negacionismo climático no Brasil remonta a 2007, quando surgiram as primeiras manifestações públicas contrárias às evidências científicas das mudanças climáticas. Essa narrativa se fortaleceu ao longo dos anos, encontrando respaldo em discursos e estratégias importados do negacionismo estadunidense, historicamente ligado a interesses econômicos e políticos de grandes corporações e das alas conservadoras do Partido Republicano¹⁶.

Foi justamente em 2007 que as mudanças climáticas ganharam destaque internacional com a publicação do quarto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), que tratava pela primeira vez do aquecimento antropogênico da Terra como um fato científico consumado. No mesmo ano, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) divulgou o primeiro estudo brasileiro com cenários de impactos das mudanças climáticas no país. A partir daquele momento, formava-se um amplo esforço nacional para estruturar políticas climáticas.

Em maio, o escritor Olavo de Carvalho publicou no jornal *Diário do Comércio* o artigo “Ciência ou palhaçada?”, no qual criticava o filme *Uma verdade inconveniente*, de Al Gore, vencedor do Oscar de melhor documentário, por tratar do aquecimento global como o grande desafio da atualidade. Em um dos primeiros registros do negacionismo climático na mídia nacional, Carvalho afirmava que tudo se tratava de uma “trapaça” e associava o aquecimento global a uma “militância esquerdista” infiltrada nos organismos internacionais. Seu

“A comunidade moral bolsonarista”, em Sérgio Abranches et al., *Democracia em risco?*, cit., p. 38-51; Christian Dunker, “Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático”, em Sérgio Abranches et al., *Democracia em risco?*, cit., p. 89-102; e Letícia Cesarino, *O mundo do avesso: verdade e política na era digital* (São Paulo, Ubu, 2022).

¹⁵ Jean Carlos Hochsprung Miguel, “Negacionismo climático no Brasil”, *Revista Coletiva Fundaj*, Recife, v. 27, maio 2020.

¹⁶ Naomi Oreskes e Erik Conway, *Merchants of Doubt*, cit.

discurso ecoava as ideias de grupos conservadores estadunidenses, que seriam resumidas anos depois no relatório *Climate Change Reconsidered*¹⁷ do “Painel Não Governamental sobre Mudanças Climáticas”, financiado e produzido pelo *think tank* neoliberal estadunidense Heartland Institute, sob a direção do famoso negacionista Fred Singer. Já naquele momento, o recurso aos trabalhos negacionistas produzidos nos Estados Unidos revelava como tal dispositivo vai muito além de posturas individuais, articulando-se em rede e transcendendo as disputas por legitimidade científica ao associar argumentos político-econômicos de caráter neoliberal e acusações ao IPCC.

No contexto estadunidense, a política climática que combatia o uso de combustíveis fósseis representava um risco às grandes corporações do petróleo, como a ExxonMobil, e aos conglomerados, como a Koch Industries¹⁸. Essas corporações financiaram *think tanks* liberais, como Marshall Institute, Heartland Institute e Cato Institute, para organizar uma frente de cientistas que negavam a cientificidade das mudanças climáticas¹⁹.

No caso brasileiro, o dispositivo do negacionismo climático, aliado ao discurso político-econômico neoliberal, foi central na reformulação parlamentar do Código Florestal em 2009, segundo a qual o Estado deveria se abster do controle do desmatamento em propriedades privadas²⁰. Isso fez parte da estratégia ruralista de desregulamentação das leis florestais e fragilização dos compromissos do governo com acordos internacionais que reforçam a necessidade de políticas mais severas de controle do desmatamento. Pode-se dizer, portanto, que o discurso neoliberal de desregulamentação ambiental é uma das linhas principais que constituem esse dispositivo ao longo da história.

Tanto em relação aos combustíveis fósseis quanto em relação ao Código Florestal, o negacionismo climático ganhou tração quando entrelaçado com iniciativas de desregulamentação e de obstrução das leis ambientais. Tal prática é identificada no apoio de grupos econômicos aos *think tanks* liberais, que fazem o “trabalho sujo intelectual” de reunir agentes diplomados para redigir

¹⁷ Fred Singer e Craig Idso (orgs.), *Climate Change Reconsidered: The Report of the Nongovernmental International Panel on Climate Change (NIPCC)* (Illinois, The Heartland Institute, 2009).

¹⁸ James Hoggan, *Climate Cover-up: The Crusade to Deny Global Warming* (Vancouver, Greystone, 2009).

¹⁹ Naomi Oreskes e Erik Conway, *Merchants of Doubt*, cit.

²⁰ Jean Carlos Hochsprung Miguel, “A ‘meada’ do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil”, cit.

peças que desinformam e espalham desconfiança a respeito de fatos científicos relativos a mudanças climáticas.

Em março de 2010, os negacionistas climáticos Bjorn Lomborg, professor e escritor dinamarquês, e Patrick Michaels, pesquisador de estudos ambientais do Cato Institute, foram convidados pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA) para palestrar no Fórum Internacional de Estudos Estratégicos para Desenvolvimento Agropecuário e Respeito ao Clima (FEED 2010). O evento propunha “dar andamento às discussões levantadas na COP-15”²¹. Daí em diante, a relação entre o agronegócio e esse tipo de negacionismo no Brasil passou a ser constante²².

Em julho de 2019, o Itamaraty enviou um diplomata para participar de uma conferência com negacionistas do clima realizada pelo Heartland Institute, em Washington. Após a reunião, circulou no Ministério das Relações Exteriores um telegrama que reportava os principais pontos abordados na ocasião. Em um trecho, resume-se o que estaria por trás dos alertas sobre o aquecimento global: “eles estão colocando em risco nosso modo de vida. O debate não é sobre mudança do clima, nem sobre dióxido de carbono. Não é sobre clima, nem ciência. É sobre socialismo contra capitalismo”²³.

Ao longo dos anos, não só *think tanks* liberais, mas também *think tanks* conservadores cristãos tornaram-se os principais difusores dessas ideias no Brasil. Em 2020, Eduardo Bolsonaro, filho do então presidente Jair Bolsonaro, recebeu membros do governo, entre eles o ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, para lançar em São Paulo o *think tank* Instituto Conservador-Liberal, com o intuito de inaugurar filiais em cada estado brasileiro para formar uma “inteligência” da extrema direita em cada região – uma iniciativa que contribuiria para aumentar a capilaridade do bolsonarismo. Em entrevista para a rede de televisão SBT, Eduardo declarou: “nós queremos ser exatamente o que a Heritage Foundation e o Leadership Institute são nos EUA”²⁴. A menção aos dois notórios *think tanks* negacionistas das mudanças

²¹ “Entrevista Luiz Carlos Molion”. Disponível on-line no YouTube.

²² Entre os brasileiros, Luiz Molion é o mais solicitado para divulgar o negacionismo climático nas redes de produtores rurais. Segundo matéria da *Folha de S.Paulo*, em 2018, Molion chegou a dar cinquenta palestras em diversos estados brasileiros, contratado por empresas vinculadas ao agronegócio – como a Syngenta, a Casa do Adubo e a John Deere.

²³ Jamil Chade, “Leia o telegrama interno do Itamaraty sobre Mudanças Climáticas”, *Uol*, 31 jul. 2019. Disponível on-line.

²⁴ “Eduardo Bolsonaro lança Instituto Liberal-Conservador”. Disponível on-line no YouTube.

climáticas indica que o cruzamento entre negacionismo, conservadorismo e liberalismo não é acidental.

Autores negacionistas climáticos do Brasil têm recebido financiamento do agronegócio e de *think tanks* conservadores para viabilizar a divulgação de suas ideias em palestras e publicações impressas. O Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), um *think tank* do conservadorismo católico, tem dado suporte à tese do negacionismo climático por meio da publicação de livros como *Psicose ambientalista*, de Dom Bertrand, e da promoção de palestras de negacionistas como Luiz Baldicero Molion e Ricardo Felício.

O que efetivamente se produz com as alianças entre *think tanks* liberais-conservadores, grupos do agronegócio e o bolsonarismo é um dispositivo que congrega, em torno da negação das mudanças climáticas, discursos sobre a desregulamentação das instituições ambientais e a necessidade de proteger o país de supostos interesses globalistas da esquerda e manter o “sagrado direito do homem” de explorar a riqueza natural dada por Deus²⁵. É nesse sentido que interpreto o dispositivo do negacionismo climático como uma “meada”²⁶ ou vértice em que conservadores cristãos radicais encontram liberais e grupos do agronegócio para combater ameaças globalistas da esquerda em nome de “Deus, pátria e da família”. Não estão em jogo somente verdades científicas ou a questão ambiental, mas um conjunto de interesses, valores e modos de vida que se veem ameaçados pela urgência de uma transformação sistêmica que enxergue a interconexão das crises ambiental, política, econômica e epistêmica.

Conclusões

Ao analisarmos criticamente o negacionismo climático em seu contexto sócio-histórico, percebemos que ele não se limita à simples desinformação ou à mera contestação de fatos científicos, mas está profundamente enraizado em uma complexa rede de interesses político-econômicos e de visões de mundo. O fenômeno se manifesta, ao mesmo tempo, como dispositivo situado e orientado para alvos específicos (por exemplo, a legislação florestal, as lutas sociais pelo

²⁵ A inspiração cristã expressa-se nas frequentes reafirmações de Bragança e outros negacionistas de um trecho do livro bíblico do *Gênesis* (1:28), no qual consta o mandamento “Enchei a terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo animal que rasteja sobre a terra”.

²⁶ Jean Carlos Hochsprung Miguel, “A meada do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil”, cit.

acesso à terra e a condições dignas de trabalho etc.) e como parte de uma estratégia mais ampla de tornar invisível a interconexão entre as diferentes crises do capitalismo contemporâneo²⁷.

A relação entre o negacionismo climático, o bolsonarismo no Brasil e o trumpismo nos Estados Unidos indica que a pós-verdade, enquanto índice de uma crise epistêmica de nosso tempo, precisa ser investigada com foco na maneira como o negacionismo é operacionalizado como instrumento de governo.

Referências

- ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: ABRANCHES, Sérgio et al. *Democracia em Risco?: 22 ensaios do Brasil de hoje*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: ABRANCHES, Sérgio et al. *Democracia em Risco?: 22 ensaios do Brasil de hoje*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na Era Digital*. São Paulo, Ubu, 2022.
- CHADE, Jamil. Leia o telegrama interno do Itamaray sobre Mudanças Climáticas. Uol, 31 jul. 2019. Disponível em: <<https://jamilchade.blogosfera.uol.com.br/2019/07/31/leia-o-telegrama-confidencial-do-itamaraty-sobre-mudancas-climaticas/>>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- DUNKER, Christian. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: ABRANCHES, Sérgio et al. *Democracia em Risco?: 22 ensaios do Brasil de hoje*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- FISCHER, Frank. *Truth and Post-Truth in Public Policy: Interpreting the Arguments*. Cambridge, Cambridge University Press, 2021.
- FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. Trad. Aline Scátola, São Paulo, Autonomia Literária, 2024.
- GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (org.). *Cientistas sociais e o coronavírus*. Florianópolis, Tribo da Ilha, 2020.
- HOGGAN, James. *Climate Cover-up: The Crusade to Deny Global Warming*. Vancouver, Greystone, 2009.
- HULME, Mike. *Why We Disagree About Climate Change: Understanding Controversy, Inaction and Opportunity*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009.
- JASANOFF, Sheila; SIMMET, Hilton R. No Funeral Bells: Public Reason in a Post-Truth Age. *Social Studies of Science*, v. 47, n. 5, 2017.
- KALPOKAS, Ignas. *A Political Theory of Post-Truth*. Londres, Palgrave Macmillan, 2018.

²⁷ Nancy Fraser, *Capitalismo canibal*, cit.

- MIGUEL, Jean Carlos Hochsprung. Negacionismo Climático no Brasil. *Revista Coletiva Fundaj*, v. 27, 2020.
- _____. Pós-verdade ou produção da ignorância? *Boletim CTS em Foco*, v. 1, 2021.
- _____. A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. *Revista Sociedade & Estado*, v. 37, n. 1, jan.-abr. 2022.
- ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik. *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues From Tobacco Smoke to Global Warming*. Nova York, Bloomsberry Press, 2010.
- OXFORD LANGUAGES. The Word of the Year 2016. Disponível em: <<https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- PROCTOR, Robert; SCHIEBINGER, Londa (orgs.). *Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance*. Palo Alto, Stanford University Press, 2008.
- RAJÃO, Raoni et al. O risco das falsas controvérsias científicas para as políticas ambientais brasileiras. *Sociedade & Estado*, v. 37, n. 1, 2022.
- SINGER, Fred; IDSO, Craig (org.). *Climate Change Reconsidered: The Report of the Nongovernmental International Panel on Climate Change (NIPCC)*. Chicago, The Heartland Institute, 2009.